

Folkcomunicação e Benzedei@s em Parintins: práticas de cura e resistência em Parintins/AM

Luana Vasconcelos Valente¹

Adelson da Costa Fernando²

Submetido em: 14/12/2025

Aceito em: 08/06/2026

RESUMO

As benzedei@s de Parintins representam uma manifestação folkcomunicacional emblemática, onde mulheres ribeirinhas exercem agência cultural por meio de rituais de cura oral e performática, resistindo ao patriarcado e à medicalização ocidental. Este artigo analisa o ambiente folk (espaços domésticos e comunitários) e a audiência (comunidades marginalizadas) como locus de transmissão de saberes, integrando perspectivas de gênero para questionar hierarquias sexistas e interseccionais (racismo e classismo em contextos amazônicos). Baseado em pesquisa etnográfica com entrevistas e observação, explora representações femininas como agentes de empoderamento, tensionando desigualdades e atualizando o repertório da folkcomunicação. Conclui pela necessidade de visibilizar essas práticas como ativismo feminista popular, promovendo inclusão em políticas de saúde e cultura.

PALAVRAS-CHAVE:

Benzedei@s; Folkcomunicação; Gênero; Resistência cultural; Interseccionalidade.

Folk Communication and Traditional Healer@s in Parintins: Healing Practices and Resistance in Parintins/AM

ABSTRACT

¹ Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo, Universidade Federal do Amazonas-UFAM, campus Parintins. E-mail: luanavvalente@gmail.com

² Sociólogo, Doutorado em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Pós-doutorando em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Vice-presidente da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação. E-mail: acostaf@ufam.edu.br

The healers of Parintins represent an emblematic folk-communicational manifestation, where riverside women exercise cultural agency through oral and performative healing rituals, resisting patriarchy and Western medicalization. This article analyzes the folk environment (domestic and community spaces) and the audience (marginalized communities) as a locus for the transmission of knowledge, integrating gender perspectives to question sexist and intersectional hierarchies (racism and classism in Amazonian contexts). Based on ethnographic research with interviews and observation, it explores female representations as agents of empowerment, challenging inequalities and updating the repertoire of folk-communication. It concludes with the need to make these practices visible as popular feminist activism, promoting inclusion in health and culture policies.

KEY WORDS

Healers; Folk-communication; Gender; Cultural resistance; Intersectionality.

Comunicación popular y curandero; tradicionales en Parintins; prácticas curativas y resistencia en Parintins/AM

RESUMEN

Las curanderas de Parintins representan una manifestación emblemática de la comunicación popular, donde las mujeres ribereñas ejercen su agencia cultural a través de rituales de sanación orales y performativos, resistiendo el patriarcado y la medicalización occidental. Este artículo analiza el entorno popular (espacios domésticos y comunitarios) y la audiencia (comunidades marginadas) como un espacio para la transmisión del conocimiento, integrando perspectivas de género para cuestionar las jerarquías sexistas e interseccionales (racismo y clasismo en contextos amazónicos). Basado en una investigación etnográfica con entrevistas y observación, explora las representaciones femeninas como agentes de empoderamiento, desafiando las desigualdades y actualizando el repertorio de la comunicación popular. Concluye con la necesidad de visibilizar estas prácticas como activismo feminista popular, promoviendo su inclusión en las políticas de salud y cultura.

PALABRAS-CLAVE

Curanderas; Comunicación popular; Género; Resistencia cultural; Interseccionalidad.

Introdução

A folkcomunicação, conceituada por autores como Beltrão (1980) e Marques de Melo (2003), como a comunicação dos grupos socialmente periféricos e oprimidos, valoriza práticas populares de resistência desenvolvidas por comunidades marginalizadas. Nesse contexto, destacam-se as benzedeadas, mulheres curandeiras que utilizam ervas, rezas e rituais para promover a cura física, emocional e espiritual. Em Parintins (AM), município conhecido pelo Festival Folclórico dos bois-bumbás e por sua forte herança ribeirinha, essas figuras femininas emergem como agentes folkcomunicacionais, transmitindo saberes por meio da oralidade em espaços domésticos e comunitários, ao mesmo tempo que desafiam a hegemonia da medicina ocidental e as estruturas patriarcais de poder.

Desde a década de 1990, os estudos de gênero no Brasil, influenciados por autoras como Gonzalez (2020) e Carneiro (2005), têm questionado as construções simbólicas das diferenças sexuais e evidenciado suas intersecções com marcadores sociais (como raça e classe). As benzedeadas, predominantemente mulheres indígenas, afrodescendentes ou caboclas de baixa renda, constituem importantes expressões de resistência de gênero, uma vez que exercem autonomia no cuidado comunitário e ressignificam posições historicamente subordinadas impostas pelo patriarcado amazônico, especialmente no que se refere ao controle masculino sobre os saberes relacionados à saúde e à natureza.

Diante desse contexto, este artigo analisa como as benzedeadas de Parintins/AM articulam práticas folkcomunicacionais e processos de empoderamento feminino, buscando compreender de que maneira os ambientes de benzedura e a audiência folk contribuem para a construção e a reafirmação de representações de gênero. Para tanto, adotou-se uma abordagem etnográfica de caráter descritivo-analítico, baseada na observação participante em salas de benzimento e na realização de entrevistas semiestruturadas com duas benzedeadas, Dona Iricilda Teixeira (de 55 anos), e Dona Olímpia da Silva (de 62 anos), bem como com 10 (dez) interlocutores (as) que compõem a audiência folk. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2022 e 2023 e busca compreender como esses espaços e relações socioculturais favorecem a resistência cultural e a valorização dos saberes tradicionais femininos.

Benedeiras de Parintins (AM): saberes tradicionais e processos folkcomunicacionais

As benedeiras ocupam um lugar singular no universo dos saberes tradicionais brasileiros, constituindo-se como agentes de cura, mediadoras culturais e comunicadoras populares cujas práticas articulam religiosidade, experiência comunitária e conhecimentos transmitidos entre gerações. Conforme assinala Loyola (1983), a benzeção representa o núcleo central de sua atuação terapêutica, caracterizando-se pela mobilização de orações, invocações sagradas, imposição de mãos, passes e outras práticas ritualísticas destinadas à restauração do equilíbrio físico, emocional e espiritual dos indivíduos. Embora frequentemente utilizem recursos complementares, como ervas medicinais, banhos, massagens e preparados naturais, o elemento distintivo de sua atuação reside no poder simbólico da palavra ritualizada e na capacidade de estabelecer uma mediação entre o mundo humano e as forças do sagrado.

Sob essa perspectiva, a prática da benzeção ultrapassa os limites de uma simples intervenção terapêutica para configurar-se como um processo comunicacional complexo, no qual circulam símbolos, narrativas, valores culturais e representações coletivas sobre saúde, doença, sofrimento e cura. Trata-se de uma forma de comunicação profundamente enraizada na cultura popular, cuja eficácia social não pode ser compreendida apenas pelos parâmetros biomédicos convencionais, mas exige a consideração dos sistemas simbólicos que estruturam a vida das comunidades tradicionais amazônicas.

É nesse contexto que a teoria da Folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão, oferece importantes contribuições analíticas para a compreensão do papel social das benedeiras. Considerada uma das mais originais formulações teóricas da comunicação latino-americana, a Folkcomunicação investiga os mecanismos por meio dos quais grupos populares produzem, compartilham e ressignificam informações à margem dos sistemas oficiais de comunicação. Para Beltrão (1980), populações historicamente excluídas dos centros institucionais de poder criam formas próprias de expressão e transmissão de conhecimento, fundamentadas em suas experiências cotidianas, em seus repertórios culturais e em suas necessidades concretas de sobrevivência.

As benedeiras podem ser compreendidas como agentes folkcomunicacionais por excelência. Sua atuação não se limita ao tratamento de enfermidades, mas envolve a circulação

de saberes ancestrais, a preservação da memória coletiva e a manutenção de redes comunitárias de solidariedade. Por meio de suas práticas, elas comunicam valores, crenças e visões de mundo que não encontram legitimidade plena nos sistemas científicos e institucionais dominantes, mas que permanecem profundamente significativos para as populações locais.

Beltrão (1980) observa que a comunicação popular manifesta-se, predominantemente, por meio de formas folclóricas. O folclore, longe de representar um conjunto estático de tradições cristalizadas no passado, constitui um sistema dinâmico de produção cultural, continuamente recriado pelas comunidades em suas experiências cotidianas (Fernandes, p. 292 apud Melo e Fernandes, 2013). Nessa direção, Schmidt (2008) argumenta que o conhecimento popular nasce da interação permanente entre os sujeitos e seus contextos sociais, abrangendo dimensões materiais, simbólicas e imaginárias da existência humana. A benzeção insere-se exatamente nesse universo, funcionando como um espaço de produção e circulação de sentidos que conecta memória, espiritualidade, identidade e pertencimento.

A palavra pronunciada durante o ritual assume, portanto, uma dimensão muito mais ampla do que a mera transmissão de informações. Ela transforma-se em instrumento de mediação simbólica, capaz de reorganizar significados, produzir conforto emocional e fortalecer vínculos comunitários. A oralidade presente nos rituais de cura não representa apenas uma técnica comunicativa, mas um mecanismo de recriação contínua da cultura, através do qual experiências coletivas são preservadas e compartilhadas. Cada oração, cada invocação e cada gesto ritual carregam consigo fragmentos de uma memória social acumulada ao longo de gerações.

As reflexões de Lévi-Strauss (1975) contribuem significativamente para aprofundar essa compreensão. Para o autor, a eficácia simbólica dos rituais de cura não reside exclusivamente nos elementos materiais envolvidos, mas na articulação entre sistemas de crenças compartilhados socialmente. A reza de cura constitui uma linguagem simbólica capaz de estabelecer conexões entre o visível e o invisível, entre o mundo material e o universo espiritual. Sua força não decorre apenas da palavra pronunciada, mas da confiança depositada na ritualidade, da legitimidade social atribuída à benzeadeira e da crença coletiva que sustenta a prática (Fernando e Marialva, 2026, p. 75).

Nessa perspectiva, a cura emerge como um fenômeno simultaneamente individual e social. A fé da benzeadeira, a confiança da pessoa atendida e o reconhecimento comunitário do

ritual constituem elementos inseparáveis de um mesmo processo simbólico. Como argumenta Lévi-Strauss (1975), a eficácia da prática ritual está profundamente vinculada à existência de um universo compartilhado de significados, capaz de conferir sentido à experiência do sofrimento e da recuperação.

Na cidade de Parintins/Amazonas, as benzedeadas representam a permanência histórica de sistemas tradicionais de conhecimento que resistem às pressões homogeneizadoras da modernidade. Em um contexto marcado pela expansão dos saberes científicos institucionalizados e pela crescente medicalização da vida cotidiana, essas mulheres continuam desempenhando funções fundamentais na organização simbólica e social das comunidades. Sua atuação revela a coexistência de diferentes racionalidades terapêuticas e evidencia que os processos de cuidado ultrapassam as fronteiras estabelecidas pela medicina convencional.

Historicamente, em Parintins, essas agentes populares de cura enfrentaram processos de deslegitimação promovidos por instituições religiosas, jurídicas e biomédicas. Em diversos momentos, foram acusadas de charlatanismo, superstição ou exercício ilegal da medicina. Ainda assim, permaneceram atuando graças ao reconhecimento e à confiança depositados nelas pelas populações locais. Essa condição se aproxima da análise desenvolvida por Beltrão (1967) acerca dos grupos culturalmente marginalizados, ou seja, sujeitos e coletividades cujos saberes são frequentemente excluídos dos espaços oficiais de legitimação, mas que continuam exercendo papel central na vida cotidiana de suas comunidades.

A benzeção pode ser compreendida como um autêntico dispositivo folkcomunicação. A oração ritualizada, os gestos, os símbolos religiosos, o uso de elementos naturais e as narrativas compartilhadas durante o atendimento constituem um sistema integrado de comunicação que produz sentidos sobre a saúde, a doença e a própria existência humana. Conforme observa Quintana (1999), a força terapêutica da benzeção encontra-se justamente na capacidade de articular fé, palavra e acolhimento, promovendo uma experiência de recomposição simbólica do indivíduo diante do sofrimento.

Mais do que curar enfermidades, as benzedeadas produzem processos de comunicação comunitária. Seus rituais constituem espaços de escuta, aconselhamento, partilha de experiências e fortalecimento dos vínculos sociais. O cuidado oferecido por elas não se restringe ao corpo físico, mas alcança dimensões emocionais, espirituais e relacionais frequentemente negligenciadas pelos modelos biomédicos contemporâneos.

As benzedeadas de Parintins configuram-se como verdadeiras mediadoras culturais entre diferentes universos de conhecimento. Elas transitam entre tradição e contemporaneidade, entre o sagrado e o cotidiano, entre a experiência individual e a memória coletiva. Seus saberes representam formas de resistência epistemológica diante da hegemonia dos modelos científicos modernos, reafirmando a legitimidade de outros modos de compreender a saúde, a cura e a vida social.

Essa interpretação dialoga profundamente com a reflexão de Paulo Freire (1987), para quem os saberes populares constituem formas legítimas de conhecimento produzidas na experiência concreta dos sujeitos históricos. Ao valorizar a oralidade, a vivência comunitária e a construção coletiva do saber, Freire reconhece que a cultura popular não é um resíduo do passado, mas um espaço ativo de produção de sentidos e emancipação social.

Uma etnografia do ambiente folk: espaços de cura e resistência

O ambiente folkcomunicação, conforme Modesto, Silva e Fernando (2022), é o espaço privado onde a cultura se manifesta coletivamente, guiado pelo agente comunicador; neste caso, a benzedeadas como líder feminina. Em Parintins, as "salas de benzimento" são loci³ de transmissão oral de saberes ancestrais, mesclando misticismo religioso, magia e medicina popular (Oliveira, 1983). Predominantemente católicas ou sincretizadas com crenças indígenas e umbandistas, as benzedeadas vivem em relações familiares e comunitárias restritas, com forte vínculo à natureza amazônica, classificando plantas como recursos terapêuticos.

Historicamente associadas a populações rurais e ribeirinhas de baixa renda, essas práticas resistem à ausência de saúde pública, mas também ao sexismo: mulheres como Dona Iricilda e Dona Olímpia assumem papéis de "cientistas populares" (Oliveira, 1983), combinando espiritualidade e conhecimento em contextos nos quais o patriarcado marginaliza o saber das mulheres. Destacam-se pelo acolhimento afetivo, propiciando uma cura holística (corporal, emocional e simbólica), fortalecida por laços compartilhados (Boltanski, 2001).

³ É o plural em latim para *locus*, que significa "lugar" ou "posição". O termo é amplamente utilizado em diferentes áreas de conhecimento.

Na pesquisa, observamos dois ambientes: o barracão adjacente à casa de Dona Iricilda, um espaço simples e tranquilo para benzeduras individuais, e a sala-quarto de Dona Olímpia, dividida por uma cortina para acomodar os pacientes, com maior fluxo às quintas e sextas-feiras. Esses loci humildes (casas de alvenaria ou madeira, cercadas por plantas) exalam sacralidade, conforme Hoffmann-Horochovski (2012), anunciada por elementos físicos como altares e ervas. Beltrão (1980) enfatiza a credibilidade do agente por meio de uma codificação acessível à audiência, o que aqui se manifesta na hospitalidade: orações, diálogos e refeições oferecem asilo (Lewitzki, 2019).

Foto 1 - Ambiente Folk da Benzeadeira Dona Iricilda



Fonte: Valente (2023)

Observa-se que o ambiente de Dona Iricilda localiza-se ao lado de sua casa, onde possui um barracão no qual acontecem as benzeções. Tudo ocorre de forma tranquila e simples; não há aglomeração de pessoas, mas, a cada momento do dia, chega alguém para relatar suas angústias e dores. Trata-se de um ambiente particularizado, onde todos que a procuram se sentem à vontade. Segundo a folkcomunicação, o lugar onde acontece a manifestação, seja ela dedicada a um santo ou não, torna-se um espaço permanente onde tudo faz sentido para as pessoas que compartilham da mesma crença, neste caso, a benzeção, e se associam, retribuindo o comando do agente folk, a benzeadeira.

Foto 2 - Ambiente da Benzedeira Dona Olímpia



Fonte: Valente (2023)

Sala-quarto dividida por cortina, com cadeiras em fileiras para aguardar atendimento, integrando o íntimo ao ritual e ao fluxo natural de pacientes. As manifestações das benzeções de Dona Olímpia acontecem na sala-quarto de sua casa. O ambiente folk torna-se sagrado de acordo com a realização dos benzimentos, constituindo um espaço familiar e de convívio comum entre os moradores da região. Ao entrar, logo nos deparamos com cadeiras em fileiras, o que demonstra que sua casa é bastante frequentada. Tudo acontece naturalmente, e os atendimentos são realizados conforme a ordem de chegada. Geralmente, o fluxo é maior às quintas e sextas-feiras.

Nota-se na imagem abaixo (Foto 3), a estratégia adotada pela benzedeira na divisão do espaço para que os pacientes se sintam confortáveis. Ela dividiu a sala-quarto com uma cortina ao meio: de um lado, ficam os pacientes aguardando sua vez; do outro, encontra-se sua cama, onde acontece o ritual da benzeção. É importante compreender os desafios que esses ambientes proporcionam. Além de ser seu espaço íntimo, as benzedeiros se desdobram para oferecer conforto à sua audiência.

Foto 3 - Momento da benzeção



Fonte: Valente (2023)

É comum encontrar, em todo ambiente da benzedeira, o espaço onde cultiva as plantas, ou seja, seu próprio quintal. Elas cultivam suas plantas em vasos, cestos e baldes, espalhados pela casa, na janela, na varanda, no corredor e na cozinha. Em todos os lugares é possível encontrar uma planta. Cactos e ervas, dispostos em vasos, baldes e janelas, compõem uma rede de troca com os pacientes, perpetuando saberes ecológicos femininos.

Foto 4 - Plantas Cultivadas no Quintal



Fonte: Valente (2023)

As plantas cultivadas no quintal da benzedeira constituem um hábito que acompanha a prática da benzeção. Vale destacar também a existência de uma rede de compartilhamento, por meio da qual benzedeiros e pacientes trocam plantas e mudas. Essa rede estimula a permanência dos saberes; além de trocarem plantas, compartilham informações e, no caso das benzedeiros, ensinamentos sobre remédios.

Figura 5 - Folha do Pião Roxo Após Benzedura



Fonte: Valente (2023)

A audiência folk e o processo comunicacional: diálogos de fé e marginalização

A audiência folk, definida por Beltrão Júnior e Neves (2013) como comunidades rurais e urbanas de reduzido poder aquisitivo, contrárias à ordem vigente, é crucial na perpetuação das benzeduras. Em Parintins, compõe-se de ribeirinhos marginalizados "à margem de duas culturas" (Beltrão, 1980), que buscam cura além da biomedicina, por meio do processo folkcomunicativo: emissor (benzedeira-líder), mensagem (reza/oralidade), canal (ritual doméstico) e receptor (paciente-audiência).

Diferentemente da audiência massiva dispersa, a audiência folk é coesa, com diálogo horizontal e familiar (Beltrão, 1980). As benzeduras atraem pela legitimidade simbólica: cada

ritual reforça o universo cultural, atraindo mais adeptos. Oliveira (1983) observa a acessibilidade dessas práticas para pessoas de baixa renda, mas aqui enfatizamos a questão de gênero: pacientes, muitas delas mulheres e crianças, veem nas benzedeadas modelos de resiliência feminina, recomendando-as oralmente para proteção contra "mau-olhado" ou quebranto.

Os relatos obtidos por meio das entrevistas realizadas com os dez participantes, que recorreram às práticas de benzimento, como parte da pesquisa, evidenciam concretamente a existência de crenças que foram transmitidas de geração a geração, compartilhadas no âmbito familiar e comunitário, reforçando o papel da oralidade na transmissão desses conhecimentos tradicionais. "Minha crença surgiu desde criança, pois meus pais acreditavam nisso" (Maria Helena, 58). Ou: "Surgiu quando minha filha tinha 8 meses (...) foi quebranto (...), dois dias depois ela ficou boa" (Leda, 24); essas falas lustram bem o processo de transmissão geracional. A ausência do Estado impulsiona essa busca: "Cresci acreditando em benzedeadas (...), no interior não tem médico" (Orivaldo, 28). A cura vai além do aspecto físico: "Cura espiritual conta muito (...), curei doenças emocionais" (Eliza, 21), com especialidades como dores de cabeça, desmentidura e engasgos.

A gratuidade dos atendimentos realizados pelas benzedeadas favorece sociabilidades, relações de solidariedade e confiança no âmbito da comunidade estudada; daí percebemos falas dos próprios usuários "espalhando" recomendações sobre a eficácia simbólica da ação das benzedeadas: "Recomendo para quem acredita" (Eliza, 21 anos); "Como sou grata pelo que aconteceu comigo, espalho as notícias boas para as minhas amigas"; isso tem contribuído para a manutenção e a disseminação dessas práticas (que se dão de forma oral). Mesmo considerando a grande demanda dos usuários que procuram os serviços das benzedeadas na comunidade, esses referidos saberes tradicionais ainda são, por vezes, alvo de preconceitos e desvalorização social.

Gênero nas práticas das Benzedeadas: interseccionalidade e empoderamento

Integrando os estudos de gênero, as benzedeadas subvertem representações patriarcais: como mulheres ribeirinhas, desafiam o controle masculino sobre a saúde (medicina oficial versus saberes femininos ancestrais). Butler (1990) inspira a análise da performatividade: os rituais encenam a autoridade feminina, com as ervas como símbolos de autonomia ecológica e espiritual. Em uma perspectiva interseccional, em Parintins, contexto amazônico marcado pelo racismo contra indígenas e afrodescendentes e pelo classismo rural, elas resistem a múltiplas opressões: "Inveja por ela ser branca e eu morena" (Valcidete, 25), relacionando sexismo e racismo.

Os depoimentos destacam o papel materno e cuidador dessas mulheres: "Ela que me benzia para tirar o quebranto (...), considerada minha mãe também" (Orivaldo, 28), mas também seu papel como agentes de apoio social, ouvindo traumas emocionais e aconselhando contra a violência de gênero. Comparadas à biomedicina, falas como "Médico não resolve (...), benzedeadas sim" (Leda, 24) representam uma alternativa baseada no acolhimento, na afetividade e na gratuidade, em contraste com consultas consideradas impessoais e centradas na medicalização. Gonzalez (2020) e Carneiro (2005) sustentam essa perspectiva ao demonstrarem que práticas decoloniais como essas contribuem para o empoderamento de mulheres marginalizadas, atualizando a folkcomunicação por meio do feminismo interseccional.

Entre os principais desafios enfrentados pelas benzedeadas estão a dificuldade de transmissão dos saberes às novas gerações e a persistência de estigmas associados às práticas femininas de cura, como evidencia o relato de Eliza (21 anos): "Julgam como ruim". Apesar dessas dificuldades, as redes de troca de conhecimentos, plantas medicinais e experiências comunitárias contribuem para a continuidade dessas práticas e para a preservação de formas tradicionais de resistência cultural.

Considerações finais

As benzedeadas de Parintins exemplificam de forma paradigmática como a folkcomunicação opera como um espaço privilegiado de resistência de gênero, onde ambientes domésticos e comunitários, como as "salas de benzimento", e audiências folk ribeirinhas se entrelaçam para reforçar representações femininas empoderadoras. Esses loci (lugares) não

são apenas cenários de cura holística (física, emocional e espiritual), mas arenas comunicacionais orais e performáticas que desafiam ativamente as hierarquias patriarcais da saúde ocidental, dominada por narrativas masculinas e biomédicas. Ao transmitir saberes ancestrais via rezas, ervas e rituais afetivos, as benzedeadas, predominantemente mulheres caboclas, indígenas ou afrodescendentes de baixa renda, subvertem estereótipos de subalternidade feminina, assumindo papéis de líderes-comunicadoras (Beltrão, 1980) que negociam poder simbólico em contextos amazônicos marcados por marginalização.

Essa dinâmica tensiona múltiplas opressões interseccionais: o sexismo que estigmatiza o saber feminino como "magia primitiva" interage com o racismo colonial (contra heranças indígenas e africanas na cosmologia ribeirinha) e o classismo rural (ausência de saúde pública, forçando dependência de práticas gratuitas e acessíveis). Depoimentos de pacientes revelam como a crença geracional e a rede de indicações orais perpetuam essa resistência, transformando a benzeção em ato de solidariedade comunitária que cura não só males como quebranto ou mau-olhado, mas também traumas emocionais decorrentes de desigualdades de gênero, como inveja racializada ou violência doméstica (Valcidete, 25; Eliza, 21). Assim, as práticas das benzedeadas preservam uma identidade cultural amazônica vibrante, hibridizando o tradicional (oralidade folk) com o contemporâneo (indicações via redes sociais em comunidades remotas), e desafiam a hegemonia patriarcal ao posicionar mulheres como guardiãs da natureza e da saúde coletiva.

Ao valorizar interfaces entre folkcomunicação oral e ativismo feminista popular, o estudo revela caminhos para observar processos comunicacionais que questionam lógicas de poder, promovendo visibilidade a grupos oprimidos e enriquecendo o diálogo entre cultura popular e interseccionalidade.

Para além da teoria, as implicações práticas são urgentes: recomenda-se políticas integradoras que incorporem saberes das benzedeadas em Unidades Básicas de Saúde (UBS), reconhecendo-as como complementares à medicina convencional e combatendo estigmas sexistas. Iniciativas como oficinas de transmissão geracional de ervas e rituais, direcionadas a mulheres jovens ribeirinhas, poderiam mitigar a perda de tradições, enquanto pesquisas sobre ativismo digital folkmediático (ex.: vídeos de benzeduras no YouTube ou TikTok) explorariam novas apropriações em contextos de pandemia e migração urbana. Ademais, programas de

fomento cultural em Parintins, integrados ao Festival Folclórico, poderiam institucionalizar essas vozes femininas, fomentando turismo sustentável e educação ambiental decolonial.

Em síntese, valorizar as benzedeadas como agentes transformadoras não só enriquece o repertório cultural da folkcomunicação, mas também pavimenta caminhos para uma sociedade mais equânime, onde o empoderamento de gênero ribeirinho se torna ferramenta de justiça social e preservação ecológica na Amazônia. Futuras investigações, com enfoques etnográficos ampliados, poderão aprofundar essas teias de resistência, garantindo que essas mulheres continuem a "benzer" não apenas corpos, mas narrativas de opressão.

As benzedeadas, portanto, comunicam pertencimento, esperança, memória e resistência. Seus gestos, palavras e rituais constituem formas de linguagem que expressam valores coletivos profundamente enraizados na cultura amazônica. Como agentes folkcomunicadoras, elas preservam e difundem conhecimentos ancestrais, fortalecem identidades comunitárias e reafirmam a potência dos saberes populares como formas legítimas de compreensão e transformação da realidade social.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS & FAMECOS, 2001.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação, comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, J. NEVES, S. S. **O Estudo das Benzedeadas em Parintins**: Uma Abordagem Folkcomunicacional: Manaus-AM 2013. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0112-1.pdf> . Acesso em: 01 out. 2026.

BOLTANSKI, L. **El amor y la justicia como competencias**: tres ensayos de sociología de la acción. Tradução: Inés María Pousadela. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. cap. 2. Disponível em: <https://es.scribd.com/document/734013519/Boltanski-El-Amor-y-La-Justicia-Como-Competencias-Cap-II>. Acesso em: 12 out. 2024.

BUTLER, J. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990. Disponível em formato PDF: https://selforganizedseminar.files.wordpress.com/2011/07/butler-gender_trouble.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

CARNEIRO, S. A. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

FERNANDO, Adelson da Costa e MARIALVA, Jomilton Soares. **Mães que oram pelos filhos em Parintins: religião, gênero e colonialidade.** In: TORRES, Iraídes Caldas e TASHIRO, Mayara Mota (orgs.). 9º EMFLOR – Encontro de estudos sobre mulheres da Floresta – Manaus/Am. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexia Cultural, 2026.

FERNANDES, Florestan. **Sobre o folclore.** MELO, José Marques de e FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs.). *Metamorfoses da Folkcomunicação: antologia brasileira.* São Paulo: EDITAE, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n2r802>. Acesso em: 01 out. 2026.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. **Velhas benzedeadas.** *Mediações, Londrina*, v. 17, n. 2, p. 126-140, 2012. DOI: doi.org. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/7488/748879411010.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2026.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A eficácia simbólica.** In: *Antropologia estrutural.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

LEWITZKI, T. **A vida das benzedeadas: caminhos e movimentos.** 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60887>. Acesso em: 2 jun. 2026.

LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e Curandeiros: conflito social e saúde.** São Paulo, DIFEL, 1984.

MARQUES DE MELO, J. **Folkcomunicação, contribuição brasileira à Teoria da Comunicação.** *Revista Internacional de Folkcomunicação, Ponta Grossa*, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2003. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18550>. Acesso em: 2 jun. 2026.

MODESTO, F. G.; SILVA, O. F.; FERNANDO, A. C. **A procissão de Nossa Senhora do Carmo de Parintins: o ex-voto como veículo folkcomunicativo.** In: SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA, 1., 2022, Manaus. Anais [...]. Manaus: UFAM, 2022. Disponível em: https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/6270/2/Ebook_Pesquisa%20em%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20cultura%20na%20Amaz%C3%B4nia.pdf#page=182. Acesso em: 2 jun. 2026.

OLIVEIRA, E. R. **Doença, cura e benzedura**: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas. 1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/17930>. Acesso em: 2 jun. 2026.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina**. Revista Bibliocom, São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), v. 1, n. 1, p. 3-17, nov./dez. 2008.